

EDITORIA ABRIL - EDIÇÃO 1 148
ANO 23 - Nº 37 - Cr\$ 240,00
19 DE SETEMBRO DE 1990

veja

ASSINANTE
11-12-13-14-15-16-17-18-19-20-21-22-23-24-25-26-27-28-29-30-31-32-33-34-35-36-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52

ESPECIAL

IANOMIAMIS

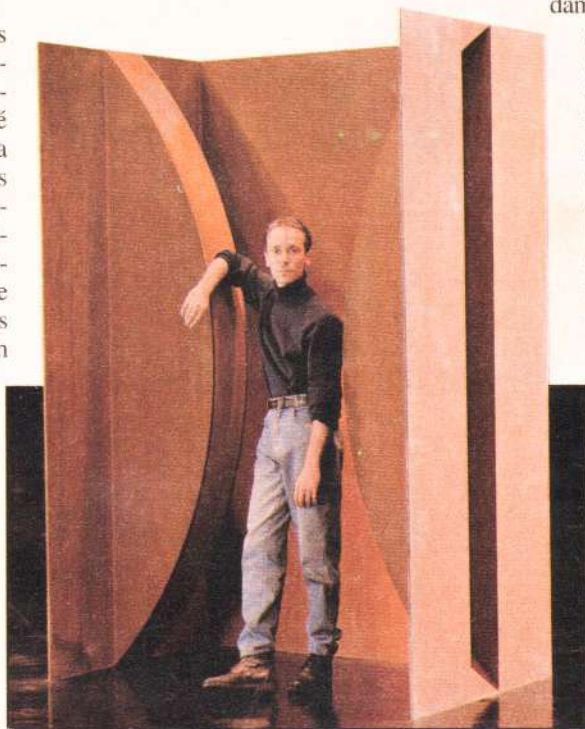
A morte de um povo

Aço afiado no museu

Num projeto ambicioso e bem-sucedido, o paulista Osmar Dalio mostra suas esculturas gigantes

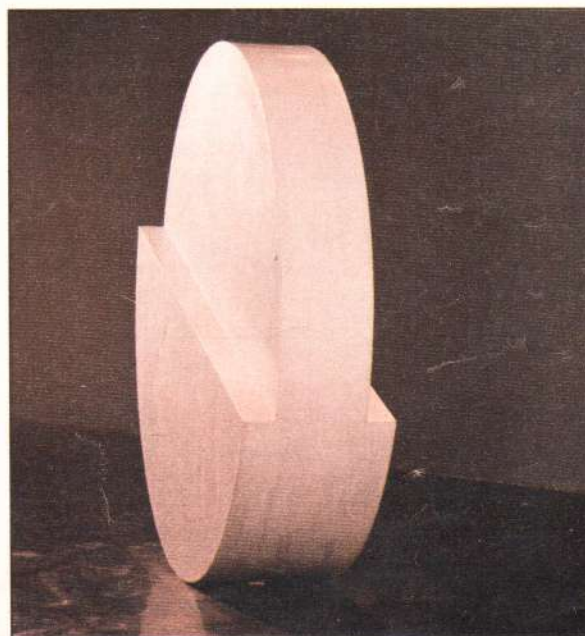
Que o mercado das artes plásticas no Brasil está parado e que muitos artistas trocaram a paleta de tintas por um rosário de lamentos não é novidade. Enquanto esses órfãos da Lei Sarney choram as perdas das verbas oficiais a fundo — e a objetivo — perdido, uma geração de jovens artistas está trabalhando, e muito, sem fazer alarde, tanto na frente de suas obras quanto nos bastidores do mundo dos negócios. De porta em porta, de indústria em indústria, eles buscam todo o tipo de ajuda que possa pôr em pé um projeto: da matéria-prima necessária para a execução da obra de arte à confecção de um pequeno catálogo. O paulista Osmar Dalio, de 31 anos, pertence a essa geração que está indo à luta. O resultado do seu esforço pode ser apreciado numa competente exposição realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, MAM.

Dalio expõe sete esculturas de aço laminado e outras duas elaboradas com estruturas de madeira à base de compensado naval, revestidas com chapas de aço galvanizado. Para viabilizar a construção de cada uma dessas peças, que chegam a pesar 1 tonelada, o artista conseguiu o apoio de nada menos de dezenove patrocinadores. Sete deles são indústrias siderúrgicas que se prontificaram a realizar as peças gratuitamente. Durante a montagem da exposição, esse esquema obrigou o artista a recolher suas peças em pontos diferentes da cidade, numa verdadeira operação de guerra com caminhões. "Jamais teria dinheiro para realizar minhas idéias sem essa via-crúcis atrás do patrocínio", diz o artista. O resultado desse ambicioso projeto é muito bom. Dalio não trilha o caminho da idéia fácil, preferindo um trabalho lento e sofisticado de planejamento, montagem e fundição. Logo à entrada do museu, um disco com 2,4 metros de diâmetro parece subverter as



Dalio: dos ratos de gesso às formas geométricas

leis da física, flutuando diante dos olhos do espectador como num dos melhores efeitos especiais do ilusionista David Copperfield. Na escultura seguinte, o princípio dessa horizontalidade "magnética" é deixado de lado em



troca de outra solução radical: uma escultura acolhedora, apesar dos seus 2,4 metros de altura.

TAPETE DE RATOS — Dalio explora com desenvoltura formas de pura abstração geométrica que, apesar do gigantismo, recordam brincadeiras de compasso e régua sobre o papel. Ele espera ver no futuro seu trabalho ocupando espaços abertos e em contato direto com o público. Preocupado com essa possibilidade, se antecipou à ação do tempo: à exceção das peças de aço galvanizado, todas as demais foram induzidas à oxidação por meio de produtos químicos especiais. O resultado é surpreendente. Além da tonalidade intrigante, as obras ganharam uma textura aveludada.

Desde o início da carreira Dalio demonstra ousadia em suas investidas. Se hoje ele lida com aço, já houve época em que ele se apropriou de materiais mais perecíveis, como o gesso ou até mesmo absorventes femininos. Em 1984 lançou mão da imagem de um jogo de fliperama para brincar com o imaginário do terror. A partir de uma réplica feita de gesso de um rato em tamanho natural, infestou o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo com seu exército particular. Na instalação, batizada de "Invaders" — nome de um famoso videogame —, perfilavam em um verdadeiro tapete de 56 metros quadrados nada menos que 3 000 ratos de gesso. A serialização tornou o que seria repugnante numa instalação bem-humorada.

Dalio faz parte de uma geração de artistas de São Paulo formados em um mesmo celeiro acadêmico: a Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Alvares Penteado. De 1978 a 1981, o artista dividiu as salas de aula e as oficinas da FAAP com colegas como Leda Catunda, Jac Leirner e Sérgio Romagnolo, que hoje circulam com prestígio pelas galerias do país. Dalio não foge à regra. A exposição no MAM seguirá em novembro para o Gabinete de Arte Raquel Arnaud, também em São Paulo, onde as peças poderão ser adquiridas por preços entre 3 500 e 8 000 dólares. É um bom começo.

SILVIO GIANNINI

Peça feita com lâminas galvanizadas: fugindo às idéias fáceis